

Relações raciais na literatura infantil: uma construção de palavras e imagens

Doutora. Celia Maria Escanfella¹ (SENAC)

RESUMO: *Foram confrontados, com base em análise comparativa, texto e ilustração de 30 livros de literatura infantil do período de 1976 a 2000 (15 deles produzidos por editoras laicas e 15 por católicas), com o objetivo de compreender como o setor editorial tem representado a questão étnica/racial. Para a construção desse estudo, mostrou-se adequado adotar o conceito de ideologia, conforme o define Thompson, e conhecimentos da área de Literatura Infantil e Relações Raciais. Os resultados ressaltam a manutenção da assimetria na representação racial na produção literária para crianças, pois permanece pouco expressivo o índice de personagens negros no texto e nas ilustrações tanto na produção de editoras laicas como católicas, bem como sua representação estereotipada, principalmente na produção de editoras católicas.*

Palavras-chave: Literatura Infantil; Relações raciais; Palavra-imagem

Introdução

Este artigo é resultado da sistematização e elaboração de um aspecto que emergiu durante pesquisa de doutorado (Escanfella, 2006), cujo objetivo era discutir a concepção de infância e de socialização presentes na literatura infantil produzida por editoras católicas comparada à produção de editoras laicas. Apesar de não ser o objeto de pesquisa do doutorado, a forma como a questão racial aparece representada nos livros analisados merece a apresentação que aqui se realiza.

Para este estudo foram confrontados, com base em análise comparativa, texto e ilustração de 30 livros de literatura infantil do período de 1976 a 2000 (15 deles produzidos por editoras laicas e 15 por católicas), com o objetivo de compreender como o setor editorial representa a questão racial/étnica em livros literários para crianças. Os livros foram selecionados de forma randômica do depósito legal efetuado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Para a construção desse estudo, mostrou-se adequado adotar o conceito de ideologia, conforme o define Thompson (1998), complementados pela sistematização de conhecimentos de outros campos de saber, como Literatura Infantil e Relações Raciais.

O elemento narrativo que foi considerado inicialmente para análise de texto e imagem foram os protagonistas das histórias que compõem a amostra, tendo em vista que a caracterização dos protagonistas traduz a visão de mundo e de relações sociais dos produtores. Em função do baixo índice de explicitação étnica/racial dos protagonistas, acrescentou-se como categoria para análise todo e qualquer personagem ilustrado, bem como as ilustrações presentes nas capas dos livros.

Adota-se neste trabalho a concepção de sociedade como palco de conflitos engendrados por hierarquias de poder, como as de classe, gênero, raça e idade, que numa complexa teia se entrelaçam. Raça é concebida, bem como as outras categoriais, como transversal (Rosemberg, 1985), pois em um complexo sistema de imbricações, perpassa e é perpassada pela dinâmica das outras relações também assimétricas. É importante frisar que a transversalidade está para além da soma, nesse sentido não são relações hierárquicas que se somam e que se encontram umas subordinadas às outras, mas que se imbricam e se inter-influenciam nas práticas cotidianas.

1 A questão racial e a literatura infantil

Os estudos sobre relações raciais no Brasil, pós abolição, podem ser divididos em três grandes correntes: perspectiva da democracia racial, tendo como intelectual central Gilberto Freyre (1933); a perspectiva marxista ou weberiana — que se opõe ao mito da democracia racial — da nomeada "Escola de São Paulo", que tem em Florestan Fernandes seu maior expoente; e a perspectiva de uma "nova geração" de cientistas sociais e de militantes negros que não aceitam subordinar às relações hierárquicas de poder entre negros e brancos à lógica econômica marxista, preconizando que às imbricações entre raça e classe social são mais complexas do que as apontadas por seus predecessores e que o racismo é constitutivo das desigualdades sociais brasileiras (Bazilli, 1999).

A tendência mais recente de análise — na qual se insere esta pesquisa — pretende descrever e apreender processos de discriminação racial, opondo-se à ideologia assimilacionista, por não partilhar da concepção de que a dominação de brancos sobre negros pode ser totalmente explicada pela herança da escravidão, orientada unicamente por relações economicistas, mas que é também criada e atualizada por meio de práticas cotidianas e discursivas, que há uma lógica própria nas relações de raça que se complexifica perpassando e sendo perpassado por outras formas de dominação (como classe, gênero, idade).

Observa-se, no Brasil, uma tradição de estudos no campo de investigação das questões de raça e livros para crianças, sejam eles didáticos ou paradidáticos, que se iniciou na década de 50 com Dante Moreira Leite (1950), e que pode ser observada em Bazzanella (1957), Hollanda (1957), Rosemberg (1985), Negrão (1987), Negrão e Pinto (1990), Pinto (1981; 1987), Piza (1995) Bazzili (1999), Silva (2005), entre outros.

Várias pesquisas que tratam da questão racial em livros didáticos e paradidáticos (textos-ficcionais) filiam-se ao questionamento do mito da democracia racial brasileira (Rosemberg, 1985; Pinto, 1981; Negrão, 1987; Piza, 1995; Bazzili, 1999; Silva, 2005). Ao rever uma parte dessa produção na década de 80, Negrão (1988) afirma que há três momentos para análise dessa produção, a saber: década de 50, marcada pela busca do preconceito explícito nos livros didáticos; década de 70, caracterizada pela introdução de novas técnicas de análise que permitiram o desvelamento de preconceitos, estereótipos, discriminações implícitos nessa produção; década de 80 a seguir, caracterizada pela apreensão das relações assimétricas na própria constituição do gênero literário (literatura didática ou paradidática) para crianças e jovens.

Bazilli (1999), ao retomar o tema, notou que as análises da literatura paradidática foram menos frequentes (Schreiber, 1975; Rosemberg, 1985; Piza, 1995), pois a maioria das investigações incidiram sobre a literatura didática (Leite, 1950; Bazzanella, 1957; Hollanda, 1957; Pinto, 1987 e 1992; Silva, 1987; Santos, 1987; Thumfho, 1987; Negrão, 1987).

Nessas pesquisas com livros didáticos, observou-se que os personagens negros aparecem em posição inferior tanto nas ilustrações como nos contextos, sendo menos frequentes, menos nomeados e quase nunca ocupando posição de destaque se comparados à representação de brancos. Dificilmente são representantes da espécie, ou são personagens famosos e históricos, portanto, há omissão quanto à participação do negro na história e na construção do país, como também dos processos de resistência vividos historicamente pelos negros, além disso não apresentam o processo histórico que engendrou a situação de marginalidade em que se encontra o negro hoje.

Pesquisa recente de Silva (2005), que analisou os trechos de textos literários apresentados nas unidades dos livros didáticos de língua portuguesa, demonstra que, apesar de toda a discussão em torno da questão racial nos livros didáticos, de o tema fazer parte da agenda das políticas educacionais brasileira, e de se verificar alterações na abordagem da questão após o início do ciclo de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os livros continuam veiculando conteúdos racistas, seja pela universalização da condição do branco, como representante da espécie,

seja pela estigmatização do negro, circunscrevendo sua presença a determinados temas e espaços sociais, ou ainda pela ausência de fala e de ação narrativa.

Os resultados das pesquisas com literatura infanto-juvenil apresentam semelhanças com os resultados das pesquisas já citadas. Porém há um processo analisado por Rosemberg e colaboradoras (1985) que precisa ser explicitado, nomeado de "dupla moralidade". Enquanto explicitamente se apresenta uma tese de defesa de igualdade, bondade, não discriminação etc., o que estaria guiando a criação dos personagens não-brancos na literatura infanto-juvenil seria a discriminação e opressão.

Três pesquisas apontaram, no entanto, para alterações que estariam se processando na literatura para crianças. Negrão e Pinto (1990) encontram na produção para crianças, pós 1975, 100 títulos que ou tinham como protagonistas personagens negros ou abordavam a questão racial. Porém, para elas, isso não se constitui em uma mudança radical, pois a partir da análise encontraram os mesmos estereótipos anteriores, ou então, personagens negras sendo utilizadas para introduzir temas polêmicos. Aprofundando essa última questão, Piza (1995) discutiu a personagem adolescente negra neste gênero literário, pós 1975, em obras literárias para crianças de autoras brancas. Ela observou que estaria ocorrendo um processo de sexualização dessas personagens negras, que apresentariam traços semelhantes às personagens negras e mulatas da literatura para adultos do Realismo/Naturalismo, levando assim a postular que autoras brancas projetariam em personagens negras o estereótipo quanto à sexualidade descontrolada e promíscua, e, numa complexa relação, a autonomia de gênero das autoras brancas se processaria por meio de referendar os estigmas ligados à sexualidade das personagens negras.

Bazzili (1999) analisou a produção de literatura infanto-juvenil de 1975 a 1995, comparando-a ao período de 55 a 75, pesquisado anteriormente por Rosemberg e colaboradoras (1985), e percebe que são poucas as mudanças encontradas na produção literária para crianças quanto à questão racial.

2 O conceito de Ideologia

Considerou-se pertinente para o estudar a questão racial na literatura infantil adotar o conceito de ideologia na perspectiva de Thompson (1998).

Ao evidenciar a importância da mídia na estruturação das sociedades, Thompson (1998) retoma o sentido crítico de ideologia, como instrumento para entender como as formas simbólicas se articulam com as relações de dominação. Ele considera formas simbólicas toda ação, fala, imagem e texto que são socialmente reconhecidas como construções significativas, podendo, portanto, ser verbais, não verbais ou mistas, desde que mobilizem sentidos. Dominação, para ele, é qualquer relação de poder assimétrica.

Com base nisso, Thompson define ideologia como “sentido a serviço do poder” (1998, p. 16), ou, em suas próprias palavras, como sentido

... mobilizado a serviço dos indivíduos e grupos dominantes, isto é, as maneiras como o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações estruturadas das quais alguns indivíduos e grupos se beneficiam mais que outros, e que alguns indivíduos ou grupos têm um interesse em preservar, enquanto outros procuram contestar (Thompson, 1998, p. 96).

Thompson não nega que a ideologia se constrói e se mantém também por formas concretas, porém ao enfatizar a importância da comunicação de massas para a estruturação das sociedades modernas, sua ênfase recai sobre as formas simbólicas que constituem e mantêm relações de poder.

Como o que interessa neste estudo são as formas simbólicas mobilizadas por meio da literatura infantil, seu aporte teórico é pertinente e suficiente.

Além disso, Thompson (1998) pondera que os fenômenos simbólicos não são ideológicos em si, por isso devem ser analisados em relação a contextos sociohistóricos específicos, situados temporal e espacialmente, sem universalizar ou generalizar resultados.

Com base na seleção de alguns aspectos da teoria formulada por Thompson, pode-se realizar uma síntese de alguns postulados ontológicos com ele compartilhados, sem, no entanto, aprofundar a discussão. Entende-se, neste trabalho, que a sociedade é palco de conflitos e relações assimétricas de poder de classe, raça, gênero e idade, que o sujeito é ativo e que mantém a capacidade de, em alguma medida, contrapor-se ao *status quo*, que a ideologia é um entre outros mecanismos que concorrem para estabelecer e sustentar essas assimetrias de poder e que as mídias têm um papel central na construção e reprodução do universo simbólico, ideológico ou não.

3 A análise comparativa

Para a comparação dos protagonistas no texto e imagem adotou-se como unidade de análise a história, pois um livro pode conter mais de uma história. Durante a descrição dos dados, acrescentou-se a capa como elemento a ser analisado.

Os 30 livros (lista em anexo), com primeira edição entre 1976 a 2000, selecionados de forma randômica na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, contêm 42 histórias (Tabelas 1).

Tabela 1 - Distribuição de frequência do número de livros e de histórias por caráter da editora

Tipo de livro	Caráter da editora			
	Laica		Católica	
	N. de livro	N. de história	N. de livro	N. de história
Livro com 1 história	14	14	14	14
Livro com mais de 1 história	1	10	1	4
Total	15	24	15	18

Dois livros contêm mais de uma história. Um dos livros de editora laica é composto por dez histórias, e um de editora confessional é composto por quatro histórias. No primeiro caso, o livro configura-se como o livro de contos **Entre a rosa e a espada** (Ed. Salamandra). No segundo, como o livro **Historinhas de Natal** (Ed. Ave-Maria) composto por histórias curtas que têm como eixo aglutinador o tema natalino.

Antes de apresentar os dados com relação à questão racial, é necessário caracterizar os protagonistas quanto ao tipo de protagonismo vivenciado (se individual ou em grupo), e também quanto à idade e ao gênero, pois como se postulou na introdução há uma complexa articulação entre as diversas assimetrias de poder, que podem se manifestar também na representação presente na literatura infantil.

A maioria das tramas é protagonizada por indivíduos (73,8%), com diferença entre histórias publicadas pelas editoras laicas e pelas católicas. Quanto ao protagonismo de grupo, as histórias de editoras laicas respondem por 33,4%, enquanto as histórias de editoras católicas, por 16,7%. Portanto, as editoras laicas têm o dobro de histórias com essa característica. As histórias protagonizadas em grupo implicam negociação e partilha entre personagens e, de certa forma, rompem a noção de heroísmo que pode ser encontrada em tramas com protagonistas individuais.

Tabela 2: Distribuição de frequência de tipo de protagonismo por caráter de editora

Tipo de protagonismo	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Protagonismo individual	16	66,6	15	83,3	31	73,8
Protagonismo em grupo	8	33,4	3	16,7	11	26,2
Total	24	100	18	100	42	100

A maioria dos protagonistas é do sexo masculino (47,6%), com pequena diferença entre editoras laicas e católicas. O índice de protagonistas femininas é maior nos textos publicados pelas editoras católicas (27,8%), que também apresenta um índice maior quanto ao grupo ou par misto (16,7%). Porém as laicas apresentam índices superiores em grupos ou pares de um único sexo (feminino corresponde a 4,2%, enquanto masculino corresponde a 16,7%).

Tabela 3: Distribuição de frequências de sexo do protagonista por caráter da editora

Sexo do protagonista	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	11	45,8	9	50	20	47,6
Feminino	4	16,7	5	27,8	9	21,5
Grupo ou par masculino	4	16,7	0	0	4	9,5
Grupo ou par feminino	1	4,2	0	0	1	2,4
Grupo ou par misto	3	12,5	3	16,7	6	14,3
Indeterminado	1	4,2	1	5,5	2	4,7
Total	24	100	18	100	42	100

Para poder perceber mais precisamente a idade dos protagonistas, as categorias de idade foram reagrupadas, independentemente de a trama ser protagonizada em grupo ou individualmente. Podem ser observados índices similares quanto à idade do protagonista tanto para as histórias das editoras laicas como das católicas, e aproximadamente metade das histórias é protagonizada por personagens crianças ou adolescentes.

Tabela 4: Distribuição de frequências de idade do protagonista por caráter da editora

Idade do protagonista	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Criança/adolescente (grupo ou indivíduo)	12	50	10	55,6	22	52,4
Adulto/idoso (grupo ou indivíduo)	6	25	5	27,8	11	26,2
Idade que se altera: criança/adolescente para adulto/idoso	2	8,3	2	11	4	9,5
Outras	2	8,3	0	0	2	4,8
Indeterminado	2	8,3	1	5,6	3	7,1
Total	24	100	18	100	42	100

Vale ressaltar que o fato de as histórias serem protagonizadas por crianças não implica necessariamente que a abordagem privilegie sua perspectiva. O artifício pode ser utilizado apenas para criar a identificação com o possível leitor.

Quanto à cor/etnia do protagonista, a quantificação não se faz pertinente, pois a explicitação da cor é praticamente nula no texto verbal. Em função disso foi inviável o cruzamento das variáveis cor/etnia com as variáveis gênero e idade.

Tabela 5: Distribuição de frequências de cor do protagonista por caráter da editora

Cor/etnia do protagonista	Caráter da editora					
	Laica		Católica		Total	
	N	%	N	%	N	%
Branco explícito	0	0	0	0	0	0
Branco histórico	0	0	1	5,6	1	2,4
Branco provável	0	0	1	5,6	1	2,4
Amarelo histórico	1	4,2	0	0	1	2,4
Grupo amarelo	0	0	1	5,6	1	2,4
Grupo misto	1	4,2	1	5,6	2	4,7
Indeterminado	22	91,6	14	77,6	36	85,7
Total	24	100	18	100	42	100

Diante da ausência de informações no texto verbal, para este estudo foi fundamental comparar os dados do texto verbal com a cor/etnia dos personagens no texto visual.

Ao analisar a caracterização racial na ilustração, observa-se maior índice de personagens negros principalmente nos livros das editoras laicas, enquanto os livros das editoras católicas mantêm um índice irrelevante.

Nos 15 livros das editoras católicas, observam-se apenas dois adultos negros e dois orientais, uma criança negra e uma descendente de índios. Desperta a atenção o fato de a multidão nas ilustrações dos livros **O menino que virou bicho do mato** (Ed. Vozes) e **Pequeno rei** (Ed. Ave-Maria) ser apenas representada por personagens brancos.

Um livro de editora católica que merece destaque é **No tempo do branco e preto** (Paulus Ed.), cuja trama remete a um tempo em que existe dois reinos: o branco e o preto. Inúmeros personagens ilustrados representam a população do reino branco, porém o reino preto encontra-se representado pelo rei negro, pela silhueta de um cocheiro e apenas pelos olhos dos moradores do reino do preto. Além disso, quando o reino se torna colorido, apenas um menino negro se encontra ilustrado na cena final, em meio a quatro crianças brancas e um idoso branco que conta a história dos reinos para elas. Pode-se sugerir que as imagens retomam as teorias de branqueamento tão comuns no Brasil no final do século XIX e início do século XX, e ainda presentes no imaginário popular.

A história “O Papai Noel” do livro **Historinhas de Natal** (Ed. Ave-Maria) merece uma reflexão, pois o único personagem negro é um menino pobre e descalço, com uma bola ao lado do pé, numa típica ilustração estereotipada do personagem negro. Outras ilustrações reforçam a visão negativa de outros povos, como pode se observar em **Encanto em Tiemim** (Paulus Ed.), pois tanto Floremim como o Imperador, os personagens vítimas de um feitiço, apesar de chineses, apresentam traços de brancos; sua identidade étnica é apenas determinada pelas roupas. Já o feiticeiro Tiringüi, que deseja tomar o trono do imperador, tem traços chineses. Os protagonistas são europeizados na ilustração, enquanto o antagonista mantém os traços de sua origem étnica.

Portanto, ao observar as ilustrações dos livros das editoras católicas evidencia-se a representação da humanidade como branca, além da presença de estereótipos na representação de personagens de outra etnia. Outro aspecto que reforça ainda mais essa representação branca da humanidade são as ilustrações de capas, pois todas representam apenas a população branca ou animais.

Nas editoras laicas, cinco livros apresentam nas capas personagens negros (**A decisão do campeonato**; **Anjo na rua**; **Dia inteiro**; **Renata e Muriel**; **Apostado**). Nas capas de dois livros, a representação de personagens negros e brancos é equitativa, vale ressaltar que são histórias em que os personagens são crianças, como em **Apostado** e em **Dia inteiro**, neste último, de forma metonímica, uma perna branca e uma perna negra representam os dois personagens principais. Vale salientar que esses dois livros também são protagonizados em grupo. Os únicos livros que trazem na capa personagens índios é **Tantas histórias tem o tempo**. Também se observam personagens

negro ou simbolicamente de outra origem étnica (extraterrestre) no verso da capa de **Álbum do Nino**.

O padrão de ilustração dos miolos dos livros das editoras laicas é, parcialmente, coerente com suas capas, isto é, observa-se a tendência a um aumento de ilustração de personagens negros nos livros cujas capas os representam. Isso se apresenta principalmente nos livros produzidos nos últimos anos da amostra, como em **Apostado** (1999) e **Dia inteiro** (1996). Porém se observou contradições na representação da questão racial quando se compara a ilustração da capa com as ilustrações internas ou quando se compara o texto com as ilustrações.

Por exemplo, em **O caso da ilha** (1978), o jovem protagonista e os habitantes da ilha são apresentados como descendentes de alguma tribo, no entanto tanto a ilustração da capa como do miolo do livro, representam o protagonista com traços de branco.

Outro aspecto que revela a contradição pode ser notado na representação de multidão. Nas diversas imagens sobressaem os personagens brancos, com excessão para os grupos representados no livro **Apostado** (1999). Apenas para exemplificar, na capa de **Anjo na rua** (1991), temos a ilustração de três meninas brancas, três meninos brancos e um menino negro; apenas em duas das seis ilustrações de multidão ou grupos de pessoas, ocorre a presença de personagens negros (um homem, em uma das ilustrações, e uma criança, em outra ilustração), todos os outros inúmeros personagens são brancos.

Na ilustração se observam alguns personagens não brancos: uma oriental e um negro, em histórias são protagonizadas individualmente; dois grupos de crianças negras e brancas, em duas histórias protagonizadas em grupo. Duas histórias merecem destaque, **Três cachimbos** e **Passeio na fazenda**, pois a representação tanto dos personagens que são cachimbos como dos personagens que são pingos permite a interpretação simbólica de raças diferentes.

Comparando os dados de idade, gênero e raça presentes neste estudo com outros estudos que analisaram idade (Escanfella, 1999), gênero (Nogueira, 2000) e raça (Bazzili, 1999; Silva, 2005), observa-se que é quanto à categoria racial que menos se avançou na representação equitativa dos personagens, mantendo de forma mais intensa a produção de sentidos ideológicos que de alguma maneira continuam a referendar a discriminação racial neste gênero literário.

Conclusão

Os resultados ressaltam, apesar do aumento na representação de personagens negros, a manutenção da assimetria na representação racial na produção literária para crianças, pois permanece pouco expressivo o índice de personagens negros no texto e nas ilustrações tanto na produção de editoras laicas como católicas. Evidencia-se, assim, que o leitor implícito no texto é a criança branca para a qual a relação étnica/racial é apresentada de forma ideológica, acima de tudo pela ausência de representação de grupos étnicos não-brancos, universalizando-se a representação da espécie como branca, ou por meio de uma representação estereotipada.

No entanto, também se observou que o índice de personagens negros tende a ser maior tanto no texto como nas ilustrações (de capa e miolo) na produção de editoras laicas.

Ao comparar esses resultados com outros estudos sobre a questão racial, pode-se afirmar que a literatura infantil contemporânea não sofreu grandes alterações quanto aos aspectos raciais nela representados, principalmente quando se toma como referência a produção de editoras católicas, permanecendo, portanto, uma fonte de produção, manutenção e reprodução das assimetrias raciais.

Vale ressaltar que este é um estudo inicial e que alguns aspectos precisariam ser aprofundados, com a análise de todos os personagens, não apenas dos protagonistas, com o cruzamento de dados raciais de todos os personagens com gênero e idade, além de um estudo de

características psicológicas, comportamentais e sociais presentes no texto quanto aos personagens apresentados como negros seja no texto como na ilustração.

Referências Bibliográficas

BAZZANELLA, W. Valores e estereótipos em livros de leitura. **Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais**. Rio de Janeiro, vol.2, n.4, mar., 1957.

BAZILLI, Chirley. **Discriminações contra negros na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea**. São Paulo: Dissertação de mestrado em Psicologia Social (PUC-SP), 1999.

ESCANFELLA, Celia Maria. **Construção social da infância e literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea**. São Paulo: Dissertação de Mestrado (Psicologia Social – PUC/SP), 1999.

ESCANFELLA, Célia Maria. **Literatura infanto-juvenil brasileira e religião: uma proposta de interpretação ideológica da socialização**. São Paulo, Tese de Doutorado em Psicologia Social (PUC-SP), 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Shmidt, 1933.

HOLLANDA, G. A. A pesquisa de estereótipos e valores nos compêndios de História destinados ao curso secundário brasileiro. **Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais**. Rio de Janeiro, vol.2, n.4, mar., 1957.

LEITE, Dante Moreira. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. **Psicologia**. São Paulo. vol.3, p. 207-231, 1950.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: FCC, no. 63, p.86-7, nov. 1988/1987.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati e PINTO, Regina Pahim. **De olho no preconceito**: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças. São Paulo: FCC, 1990.

NOGUEIRA, Dione Maria Sousa. **Um olhar sobre discriminações sexuais na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea**. São Paulo: Dissertação de mestrado (Psicologia Social – PUC/SP), 2001.

PINTO, Regina P. **O livro didático e a democratização na escola**. São Paulo, Dissertação de mestrado (FFLCH-USP), 1981.

_____. A representação do negro em livros didáticos de leitura. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.63, p.88-92, nov., 1987.

PIZA, Edith Silveira Pompeu. **O caminho das águas: estereótipos de personagens femininas negras na obra para jovens de escritoras brancas**. São Paulo: Tese de doutoramento em Psicologia Social (PUC-SP), 1995.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global Editora, 1985.

SANTOS, Joel R. Livro didático: um mal necessário? **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.63, 99-100, nov., 1987.

SCHREIBER, M. R. **As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil brasileira**. Belo Horizonte, Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1975.

SILVA, Ana Célia da. Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de comunicação e expressão de 1º grau — nível I — projeto de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.63, p.96-8, nov., 1987.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Relações raciais em livros didáticos de Língua Portuguesa**. São Paulo, Tese de Doutorado em Psicologia Social (PUCSP), 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIUMPHO, Vera R. S. **O negro no livro didático e a prática dos agentes de Pastoral negros**. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.63, 93-5, nov., 1987.

Anexo: lista de livros que compõem a amostra

De 1976 a 2000: 15 títulos de editoras católicas e 15 títulos de editoras laicas, perfazendo um total de 30 títulos

Autor	Ilustrador	Título	Cidade	Editora	Tipo de editora	Ano
MOTT, Odete de Barros	Rogério Borges	O caso da ilha	São Paulo	Atual	Laica	1978
D'ASSUMPÇÃO, Gislaíne Maria	Sueli Castro Peixoto	Pingo de Luz	Petrópolis (RJ)	Vozes	Católica	1979
AZEVEDO, Ricardo	Ricardo Avezedo	Um homem no sótão	São Paulo	Melhoramentos	Laica	1982
ROCHA, Ruth	Ivan e Marcello	A decisão do campeonato	Rio de Janeiro	Rocco	Laica	1984
ALBERGARIA, Lino de	Capa: Terê	Tantas histórias tem o tempo	São Paulo	Editora do Brasil	Laica	1986
FERREIRA, Regina Sormani	Marchi	Miguel e Serafina	São Paulo	Loyola	Católica	1987
NUCCY, Nely A Guernelli	Silvia Maria Mesquita	A abelhinha e a tartaruga	São Paulo	Paulinas Editora	Católica	1988
ALVES, Rubem	Sem informação	A volta do pássaro encantado	São Paulo	Paulus Editora	Católica	1990
BANDEIRA, Pedro	Walter Ono	Velhinho entalado na chaminé	São Paulo	FTD	Católica	1990
JACUÁ, Sheila de	Antonio Gordilho	Colecionador de estrelas	São Paulo	Edições Paulinas	Católica	1990
QUEIRÓZ, Márcia Peltier de	Claudio Duarte	O menino que virou bicho do mato	Petrópolis (RJ)	Vozes	Católica	1991
AMARAL, Maria Lucia	Leonardo Menna Barreto Gomes	Anjo na rua	Porto Alegre	Mercado Aberto	Laica	1991
NUCCY, Nely A Guernelli	Osvaldo Sanches Sequetin	O atraso	São Paulo	Edições Paulinas	Católica	1993
COLASANTI, Marina	Marina Colasanti	Entre a espada e a rosa	Rio de Janeiro	Salamandra	Laica	1993
SOUZA, Flavio de	Giroto e Fernandes	O álbum do Nino (Castelo Ra-Tim-Bum ; 1)	São Paulo	TV Cultura/ Comp. das Letrinhas	Laica	1995
CAMPO, Guilherme del	Claudia Ramos	Uma vovó italiana	São Paulo	Paulinas Editora	Católica	1996
VARGAS, Giselle	Gisele Vargas	Dia inteiro	Belo Horizonte	Dimensão	Laica	1996
BAGNO, Marcos	Vírgilio Vellozo	Unhas de ferro	Belo Horizonte	Lê	Laica	1997
WALLACE, Roberto	Rogerto Negreiros	E não é que era amor	São Paulo	Paulinas Editora	Católica	1998
NUVENS, Sebastião	Sebastião Nunes	Sapatolices	Belo Horizonte	RHJ Livros	Laica	1998
CARVALHO, Maria Lúcia	Ivan Coutinho	No tempo do branco e preto	São paulo	Paulus Editora	Católica	1998
ALBISSÚ, Nelson	Douglas Galindo e Teresa Senda	Encanto em Tiemim	São Paulo	Paulus Editora	Católica	1998

MURALHA, Sidônio	Priscila Martins	Três cachimbos	São Paulo	Global	Laica	1999
BANDEIRA, Pedro	Avelino Guedes	Prova de Fogo	São Paulo	Ática	Laica	1999
AGUIAR, Luiz Antonio	Raquel Lourenço	Renata e Muriel	São Paulo	Atual	Laica	1999
ABRAMOVICH, Fanny	Claudio Martins	Apostado	São Paulo	Atual	Laica	1999
RODRIGUES, Luiz e PADOVANI, Renilton	Luiz e Renilton	Pequeno rei	São Paulo	Ave-Maria	Católica	1999
FRANÇA, Mary e FRANÇA, Eliardo	Eliardo França (dedução/sem explicitação na ficha catalográfica)	Passeio na fazenda	São Paulo	Ática	Laica	2000
BRAZÃO, Suely Mendes	Giselle Vargas	Historinhas de natal	São Paulo	Ave-Maria	Católica	2000
CHINDLER, Daniela	Lula	Homem que botou um ovo	São Paulo	Paulinas Editora	Católica	2000

¹ **Celia Maria ESCANFELLA, Doutora em Psicologia Social**
(SENAC, Comunicação e Artes)
cescanfella@gmail.com